

POLÍTICAS PÚBLICAS Y TERRITORIOS

DISCURSOS Y POLÍTICAS
TERRITORIALES EN AMÉRICA LATINA



GRUPO DE TRABAJO CLACSO

POLÍTICAS PÚBLICAS Y TERRITORIOS



www.clacso.org

edición:

Camila Carvalho

Carlos Henrique C. Ferreira

Luciana Gennari

BOLETÍN

01 | MAIO

SECCIONES:

Sección 1 – Capacidades Agentes y Marcos Legales

Sección 2 - Dinámica urbana, regionalizaciones y conformación de territorios

Sección 3 - Acción político-territorial de los movimientos sociales

Sección 4 – Actividades

Este informativo es editado por un colectivo de expertos de Brasil, Argentina, Chile, Ecuador, México y Cuba (esperándose agregación de investigadores de otros países, como Bolivia y Mozambique), tiene como objetivo específico constituir repertorios tanto de las experiencias del “Estado en acción”, con sus distintos recortes temporales en escalas nacional, estadual/provincial, metropolitana y municipal, como también de los planteamientos alternativos provenientes de los movimientos sociales. Los repertorios se hacen necesarios pues en las últimas dos décadas se ha observado un crecimiento en las demandas sociales vinculadas a causas de orden política y/o ambiental. Tales demandas derivan de situaciones de desigualdad económica asociadas a fenómenos de segregación y exclusión, así como del reconocimiento de la actuación casi siempre ineficaz de la institucionalidad del Estado para resolver conflictos a través de políticas públicas creadas e impuestas dentro de una racionalidad técnico-instrumental.

Las políticas públicas han sido el instrumento primordial para reconfigurar y transformar los territorios latino-americanos. Asimismo, es fundamental verificar de qué manera cada país adopta modelos que emanan del territorio global, o sea, deben ser investigados los proyectos vinculados a estrategias globales que adquieren dimensiones específicas, haciendo las naciones más dependientes de recursos y de intervenciones que vienen “desde afuera”. De otra parte, las políticas públicas en sentido amplio deben tomar en cuenta los movimientos sociales en sus múltiples formas de organización y articulación, con el fin de estimular efectivas bases de participación, siendo el contexto latino-americano rico de ejemplos que sirven, muchas

veces, como referencia para el debate político en nivel global.

El GT “Políticas Públicas y Territorios” está inserido en el Campo Temático “Derecho a la Ciudad” y se despliega en tres ejes analíticos temáticos:

1 Capacidades, agentes y marcos legales

2 Dinámica urbana, regionalizaciones y conformación de territorios

3 Acción político-territorial de los movimientos sociales

Este boletín se propone como un medio de debates acerca de cuestiones empíricas e metodológicas de las investigaciones, igualmente sirve para contribución e divulgación de terceros interesados en las temáticas abordadas, está organizado en cuatro secciones, una para cada eje analítico y una de divulgación de actividades. Los textos serán publicados en portugués y español conforme la lengua de lo/a autor(a).

Se intentará editarlo trimestralmente, durante la vigencia del Grupo de Trabajo Políticas Públicas y Territorio (2016-2019), funcionando también como repositorio de las actividades de este.

Exhortamos a todos que envíen sus contribuciones en forma de resúmenes de investigación en andamio o en artículos, comentarios sobre hechos y eventos relevantes a los ejes temáticos, hasta 1.200 palabras.

Las investigaciones de esta sección abordan la estructuración del espacio con énfasis en las escalas locales, en la formación urbana y la influencia de agentes y instituciones en la configuración de este espacio. Se toma como contexto la desigualdad y la segregación socio-espacial verificada en ciudades y regiones Latinoamericanas. Cada investigador(a) observa este proceso desde un aspecto formador. En la segregación residencial hay énfasis en como los agentes y coaliciones condicionan la institucionalización de una espacialización planeada reproductora de ella. Desde otro indicador, el poder de policía administrativa, cuanto a la

autorización de construcciones residenciales y su consolidación institucional. También, cual la ideología por detrás de los mismos patrones de institucionalización de los mecanismos de control del territorio en Brasil en los municipios; en un contexto más amplio, cómo las agencias internacionales de fomento con la elección de la categorías de referencia para fomento de política públicas urbanas o los procesos recientes de transformación económica revisión de la actuación estatal reproducen las mismas grietas de desigualdad en la escala local por todo el continente.

ESPACIALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS URBANAS NA AMÉRICA LATINA: O Caso do Brasil e do México

Camila Lima e Silva de Carvalho*

Desde a década de 1990, os agentes internacionais, mais especificamente ONU, BID e Banco Mundial, têm intensificado sua atuação em políticas de combate à pobreza em todo o mundo, muitas vezes através de projetos urbanos. Na América Latina há vários casos de intervenção urbana financiados e capitaneados por estes agentes. No entanto, observa-se que estes programas frequentemente padecem de estratégias inadequadas de geographical targeting, direcionando os investimentos para aquelas porções do território que já contam com as melhores condições socioeconômicas e de infraestrutura urbana, tanto na escala da cidade, como na escala de pequenos bairros ou favelas. Pode-se argumentar que isso decorre de dois problemas metodológicos na identificação dos bolsões de pobreza. Em primeiro

lugar, um excessivo apego ao slum enquanto conceito descritivo e explicativo, quando muitos estudos mostram que as áreas mais pobres de uma cidade frequentemente são bairros formais. Em segundo lugar, uma sistemática falta de atenção para com a heterogeneidade socioespacial interna aos bolsões de pobreza (neste caso, os slums), em que pesem os vários indícios de que tais espaços possuem disparidades comparáveis àquelas da cidade como um todo. Isto configura o que pode ser chamado de “duplo processo de generalização e homogeneização”, respectivamente, nas escalas global e local. Para testar essa hipótese, proponho um estudo de caso nos barrios pobres do México e nas favelas (aglomerados subnormais) do Brasil. Por meio da análise espacial de dados censitários dos dois países, agregados

ao nível do setor censitário, pretendo verificar a localização dos investimentos públicos financiados pelos agentes internacionais, o que permitirá determinar se eles têm sido efetivamente direcionados às áreas mais pobres. Com isso, pretendo contribuir para o aprimoramento de políticas públicas de combate à pobreza e à desigualdade urbana na América Latina, aumentando a sua eficácia. Posto isto, o objetivo principal desta pesquisa é verificar se os projetos urbanos para atenuar a pobreza e a desigualdade na América Latina têm agido conforme seus objetivos. Para isto, partirei da escala global para a local, fazendo um levantamento das especificidades da pobreza em diferentes países da América Latina, com o objetivo de mostrar que a pobreza é diferente – tanto em termos sociais quanto geográficos – nos diversos países latino-americanos e pensá-la através do termo *slum* empobrece a análise e a criação de políticas territoriais adequadas às suas necessidades.

Após esta etapa iniciarei o estudo de caso no qual me debruçarei sobre as realidades do Brasil e do México. Meu objetivo, então, é eleger áreas que são consideradas pobres e carentes em serviços básicos e que tenham recebido recentemente intervenções urbanas de grandes proporções, com apoio dos agentes internacionais, seja do ponto de vista financeiro ou através de grandes projetos urbanos. A seguir, utilizando os dados do Censo dos dois países pretendo verificar se estes investimentos foram feitos em áreas de melhor renda e que já contavam com uma infraestrutura prévia ou em áreas que nunca ou pouco receberam investimentos do poder público.

Nesta fase, o trabalho será dividido em duas partes: (1) mapear os investimentos e pro-

gramas em alguns assentamentos precários do Brasil e do México; (2) fazer um estudo da estrutura socioespacial destas áreas para verificar se os investimentos estão localizados nas áreas mais pobres ou em áreas que já eram dotadas de uma infraestrutura básica. Ambas as etapas serão conduzidas por meio de técnicas de geoprocessamento e análise espacial. Softwares como ArcGis e TerraView serão utilizados para processar os dados estatísticos nas bases territoriais pertinentes, além de calcular índices espaciais de concentração. Isto nos permitirá confirmar ou refutar a hipótese de uma reprodução da pobreza e da desigualdade.

Para realizar a parte (1) será feito o levantamento de grandes projetos urbanos em assentamentos precários e depois mapear os investimentos. Serão escolhidas três áreas em diferentes regiões nos dois países. Depois de eleger as seis áreas a serem trabalhadas, procederei com a espacialização dos projetos, como habitação, obras de infraestrutura, entre outras, com o objetivo de determinar a localização da implantação.

Para a parte (2), utilizarei os dados do Censo realizado tanto no Brasil, quanto no México, fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no caso brasileiro, e pelo Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI), no caso mexicano. Através do uso da técnica de geoprocessamento e análise espacial, criarei um índice utilizando diversas variáveis, como renda, infraestrutura urbana, educação, entre outras. Isto permitirá conhecer a estrutura socioespacial dos assentamentos. É importante ressaltar ainda, que será necessário criar uma metodologia estatística que permita fazer a comparação entre os dados nos dois países, para adequar diferenças de escala

e de variáveis.

Por fim, cruzarei os resultados das duas etapas, que permitirá verificar se os investimentos foram concentrados nas áreas dentro dos assentamentos que já contavam com melhores condições socioeconômicas. Assim, será possível confirmar ou refutar a hipótese de que os projetos urbanos capitaneados por agentes internacionais de desenvolvimento, como ONU, BID e Banco

Mundial, em parceria com o Estado, não “resolvem” o problema da pobreza urbana, mas reproduzem desigualdades, ao implementarem políticas territoriais que não consideram a heterogeneidade interna aos assentamentos precários.

**Camila Lima e Silva de Carvalho é arquiteta e urbanista, especialista e mestre em Planejamento Urbano e Regional. Realiza pesquisas sobre pobreza urbana na América Latina.*

SECCIÓN 2

DINÁMICA URBANA, REGIONALIZACIONES Y CONFORMACIÓN DE TERRITORIOS

Las investigaciones en este eje manejan conjuntamente políticas públicas y transformaciones de territorios en América Latina y Caribe, según perspectivas multiescalares, pero con énfasis en contextos metropolitanos y de ciudades intermedias. Se buscan miradas comparadas en temas como la movilidad regional e intraurbana, la diferenciación residencial y las desigualdades socio-espaciales, la historicidad del territorio y de su planificación, los circuitos espaciales

de producción agrícola y minera, la dinámica de urbanización productora de dispersión, el proceso de metropolización y los cambios en las centralidades urbanas, los equipamientos urbanos etc. Lo que resalta un bias al estudio de los procesos económicos en la regulación del espacio y consecuentemente su influencia en el crecimiento y conformación de ciudades y su interacción / inserción en sus respectivas regiones.

SÃO PAULO: METROPOLIZAÇÃO E (RE) DEFINIÇÃO DE CENTRALIDADES

Sarah Feldman*

A pesquisa se volta para o estudo das relações entre o processo de metropolização e a (re)definição de centralidades em São Paulo, tendo como marco temporal de referência a década de 1950. Estas relações são problematizadas na interface dos múltiplos processos que dão sentido à configuração da metrópole e das centralidades. Na década de 1950 São Paulo é a expressão mais radical da problemática metropolitana no Brasil: sua população supera a da capital do país, o Rio de Janeiro; o salto qualitativo do processo produtivo alavanca a

concentração do desenvolvimento industrial e a ocupação periférica já se impôs como estratégia de moradia para a população de baixa renda. Com a implantação de um sistema de rodovias e a extensão do viário que o ônibus favorece, desvincula-se, ao mesmo tempo, a localização das indústrias das vias férreas e a localização da moradia da localização do trabalho.

Desde os anos 1970 se impôs uma matriz hegemônica de interpretação do processo de metropolização a partir da produção de espaços periféricos, precários, contrapos-

tos às condições privilegiadas do centro. O foco no duplo centro/periferia adotado como interpretação de diferentes aspectos da realidade urbana persiste em estudos de campos disciplinares diversos, como urbanismo, geografia, ciências sociais. Nesta pesquisa procuro me distanciar desta dualidade: a cidade, como afirma Lepetit (1993:145), “nunca é absolutamente sincrônica: o tecido urbano, o comportamento dos cidadãos, as políticas de planificação urbanística, econômica ou social desenvolvem-se segundo cronologias diferentes”.

É considerando esta multiplicidade de movimentos e temporalidades que parto do pressuposto da metropolização como um processo disseminado, de dimensão plural e diversa, que não atua em um só lugar e de uma única forma. Nesse sentido, abordo a centralidade paulistana numa perspectiva inversa à

de “perdas” geradas pela saída das elites, expressas recorrentemente nos termos “deslocamento”, “desvalorização”, “degradação” e, mais recentemente, “despovoamento” do centro. Não assumo “a priori” a saída das elites nem como um processo absoluto, pois suas relações com o centro tradicional se reduzem, mas não se esgotam; nem como um processo generalizável capaz de explicar, por si só, as mudanças na centralidade.

Interessa-me desvendar outras dimensões nas transformações da centralidade paulistana, entorno da hipótese de que o centro passa por sucessivos processos de atualização e reafirmação de sua dinâmica, a partir do momento em que não mais é reconhecido como um território das elites. Para esta abordagem a indissociabilidade entre centro e bairros centrais é componente fundamental, assim como é fundamental problematizar



S.P. Monumental. Mapa organizado e desenhado por G. Castiglione. Acervo Público do Estado de São Paulo/ Repositório Digital/ Mapas

a própria noção de centro.

Os bairros centrais se formam e se conformam em estreita relação com a estruturação do centro de São Paulo. Se caracterizam pelo tecido social diversificado, com presença de sucessivas levas de estrangei-

ros, pela associação entre emprego e moradia, entre espaços de produção e de comercialização, e pela reconstrução contínua, não necessariamente pela lógica da demolição, mas através da permanência e adequação de suas estruturas físicas.

Nesta área que se configura como contraexemplo do padrão de urbanização dominante ao longo do século XX na metrópole paulistana, se explicita uma trama de interesses atuantes na cidade para além do capital imobiliário, que articula um amplo leque de agentes – do capital comercial aos movimentos de moradores de cortiços. Para a análise destes bairros é preciso refletir sobre seus valores econômicos, sociais, culturais, formas de uso; seus significados e também sobre as representações por grupos, atores sociais diversos e por políticas públicas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, três eixos analíticos são perseguidos:

- as matrizes teóricas que dão suporte à dualidade centro-periferia como uma interpretação da metrópole latino-americana e as críticas e revisões conceituais ;

- as referências mobilizadas no campo do planejamento urbano e regional para formulação de políticas públicas para o centro: formulações do processo de metropolização e centralidades urbanas nos planos e estudos sobre São Paulo no âmbito das instituições municipais, metropolitana e estadual;

os processos de configuração de uma centralidade metropolitana conformada pelo centro e os bairros centrais, a partir de estudos aprofundados dos processos de formação, estruturação de bairros como Bom Retiro, Santa Efigênia, entre outros a serem selecionados.

O Bom Retiro, que desde o século XIX vem sendo ocupado por diferentes grupos de estrangeiros é um caso exemplar dos processos que escapam à redução centro/periferia. Neste bairro, através da ação concentrada dos imigrantes judeus entre as décadas de 1920 e 1940, se instala a cadeia de indústria e comércio de confecções, e o bairro adquire uma auto suficiência quase que total para desempenhar a produção e comercialização das roupas e acessórios, prescindindo apenas de indústrias de fiação

e tecidos., Constitui-se o que denomino uma “armadura sólida” que, partir dos anos 1960 vem sendo adquirida e atualizada por outros grupos de estrangeiros. Ao mesmo tempo em que este processo induz que o bairro passe a ser identificado ora como bairro “dos judeus”, ora como bairro “dos coreanos”, não promove a sua homogeneização. Muito pelo contrário, se agrega e se articula à densa tessitura preexistente no bairro: grandes indústrias e pequenos negócios por conta própria, diferentes grupos étnicos e sociais, alta concentração de cortiços, intensa vida associativa, com clubes sociais, entidades sindicais, escolas, inclusive, uma zona confinada de prostituição que foi instalada no bairro de 1940 a 1953.

Em tensão a esta posição de reconhecimento da diversidade como identidade sem homogeneização, vê-se recentemente a proposição do atual prefeito de São Paulo, João Dória, de nomear o lugar como “Little Seoul” [Doria quer revitalizar e mudar nome de bairro para ‘Bom Retiro Little Seul’ – 12 de abril 2017] aludindo à presença de sul-coreanos lá. A proposta se dá à revelia da iniciativa dos comerciantes em agregar as diferentes comunidades de judeus, libaneses, coreanos e outros sob o nome Bom Retiro com o intuito de promover o lugar através da integração das comunidades por atividades comuns, sem promover um grupo particular. A iniciativa, por outro lado, parece tentar ressignificar a presença coreana vinculada a uma tradição do Bairro em questão a outro sentido alusivo de uma Coreia do Sul integrada globalmente aos circuitos de capital e que teria uma espécie de espelho em São Paulo, outra cidade global. Vale ressaltar que a ação não faz parte de qualquer plano ou projeto público, apenas parte da estratégia que vem sendo usada pelo prefeito de “parcerias” com empresas que adotam pequenas frações urbanas para intervenções pontuais, com melhoramento de alguns equipamentos e mobiliário

urbanos. Ao fim e ao cabo, é uma estratégia de marketing tomada como política pública, entretanto, capaz de gerar impactos relevantes e não necessariamente proveitosos às atividades já desenvolvidas. Ressalte-se a falta de diálogo entre o governo local e os agentes sociais interessados, sendo mais uma intervenção não negociada e alheia às

demandas dos afetados.

*Sarah Feldman é professora e pesquisadora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Correo: sarahfel@sc.usp.br

SECCIÓN 3

ACCIÓN POLÍTICO-TERRITORIAL DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES

Dadas las contradicciones generadas por la estructuración del espacio ante los flujos de personas, informaciones y, capital, se investigan, en este eje, procesos de identificación territorial de las poblaciones subalternas objeto de políticas públicas territoriales, o sus impactos ante las distintas concepciones y apropiación de los territorios. Así la temática de las relaciones entre Estado y agentes so-

ciales está presente en el análisis de las estructuras de representatividad política y territorial y las tensiones desde ahí observadas por las eventuales discrepancias entre las perspectivas hegemónicas y no hegemónicas. El enfoque privilegia la mirada desde los movimientos sociales como constructores de sentido e y de la reproducción o adaptación de sus maneras de espacialización.

LOS FESTIVALES LATINOAMERICANOS DE FOLKLORE CONFIGURANDO UN TERRITORIO

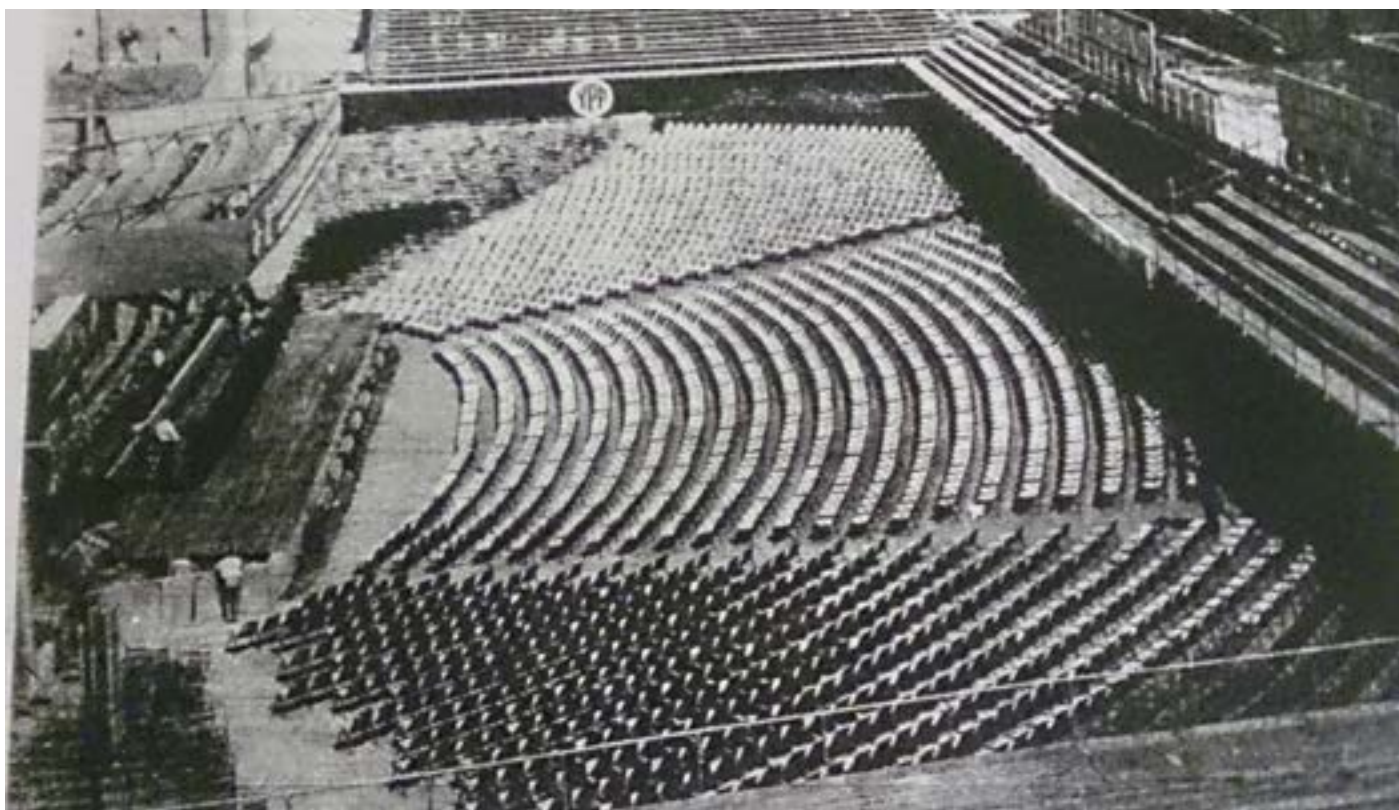
Laura Navallo*

El trabajo que me propongo desarrollar vincula eventos artístico-culturales y territorio, o mejor cómo determinadas prácticas culturales crean, configuran e imaginan un territorio. El caso que quisiéramos indagar forma parte de las investigaciones que vengo realizando asociadas a políticas culturales y las maneras que éstas inciden en una determinada localidad, ya sea presentando a la ciudad de Salta, a la provincia homónima o bien afirmándose y distinguiéndose en relación al territorio nacional. Muchas de dichas actividades no se restringen exclusivamente a los objetos y los objetivos de las políticas culturales sino que también se encuentran en ellas apuestas al desarrollo y promoción turística de la ciudad y la provincia de Salta. En este sentido, algunas acciones gubernamentales

pueden inscribirse tanto como siendo realizadas por las administraciones estatales “culturales” cuanto por las “turísticas”. Las distintas formas de abordar y promover el arte y la cultura resultan consecuente a las transformaciones de esas administraciones, es decir en determinados momentos se concebía la “cultura” como ámbito del Ministerio de Educación, en otros momentos fue objeto de intervención del Ministerio de Turismo y Cultura, aunque en muchas ocasiones las acciones culturales y su promoción fueron llevadas a cabo por agentes sociales agrupados en la entidad jurídica de asociación civil sin fines de lucro. Por más que sus planificaciones y acciones vinculadas a esta área no fueran ejecutadas desde administraciones estatales, no dejaron por ello de ser guber-

namentales (Souza Lima y Castro, 2008). La investigación que actualmente desarrollo tiene por finalidad analizar un evento específico llamado Festival Latinoamericano de Folklore y se hicieron entre las décadas de los sesenta y ochenta, siendo las primeras ediciones realizadas de manera consecutiva, en los años setentas interrumpidas y luego retomadas en el año '83 con la "reapertura democrática". Una de las hipótesis de trabajo a problematizar e indagar en profundidad se asocia a las maneras en que las elites locales y ciertos promotores culturales concibieron territorio mediante la celebración de actividades culturales. Es decir, los eventos artístico-culturales fueron las maneras que encontraron distintos agentes sociales de proyectarse como "nosotros" y sus aspira-

ciones se manifestaron en proyectos 1 Becaria Posdoctoral, ICSOH-Conicet- Universidad Nacional de Salta políticos que se afirmaron en redes sociales territorializadas que pretendieron configurarse como el Noroeste Argentino. Consideramos que las prácticas, las relaciones y los procesos sociales pueden ser estudiadas como performances (Schechner, 2000), pues implica un modo de construcción del objeto empírico y una forma de análisis que se inscribe en una tradición de conocimiento asociada a los estudios de ritual. En tal sentido los Festivales Latinoamericanos de Folklore serían performances sociales a partir de las cuales pueden ser analizadas distintas relaciones sociales (políticas, económicas, culturales). Dichas



Revista Folklore argentino, nº5, p.4, 1966

performances fueron protagonizadas por agentes que vivenciaron aquellos momentos desempeñando los roles de sus vidas cotidianas y profesionales. En esas puestas se escenificaban las relaciones de poder, las diferencias sociales, las distinciones, las jerarquías al tiempo que se recreaba performativamente a Salta. A su vez, cuan-

do hablamos de festival se hace referencia tanto a un evento que reúne exhibiciones de danza, música y la participación de artistas y públicos en diversas peñas de la ciudad como así también a un conjunto de prácticas que, por un lado tornan posible la realización de los mismos y por otro aquellas que toman al Festival como contexto para celebrar en-

cuentros políticos y de sociabilización. En ambos casos serían performances sociales. El Festival pasa a producir emociones en los ciudadanos haciendo sentir la pertenencia a una colectividad mediante lazos que “hermanan” a los participantes en el “canto de Latinoamérica” – como sostienen los discursos que circularon en los eventos. De esta manera, estarían generándose procesos de comunización, como señala Weber (2005) y posteriormente Anderson (1997), que se afirman en “imágenes de nosotros” como “ideal del yo” y que se convierten en “ideal de nosotros” (Elias & Scotson, 2000). Ese “nosotros” que se configura articula relaciones afectivas y de interdependencia que da lugar a cartografías de redes sociales territorializadas a través de las cuales fluye poder.

En los Festivales circularon delegaciones de artistas representando a sus países mediante las tradiciones y las características sobre las que habían sido creadas sus respectivas nacionalidades. Dichos grupos vinieron acompañados de autoridades diplomáticas que, además de verlos en escena, durante el día participaban en ceremonias con sus anfitriones (autoridades salteñas, de otras provincias, nacionales). En ellas se establecían acuerdos y vínculos sociales que se configuraban más allá de las fronteras que encarnaban. Así, el escenario del festival se diagramaba por territorios que eran constantemente actualizados en las articulaciones de redes sociales, por momentos asociados a Salta, otras a Norte Grande, a Argentina o a Latinoamérica. Al respecto, Souza Lima (2007) señala que los agentes muchas veces “actúan como pequeños guerreros o diplomáticos, verdaderos

‘Estados nacionales incorporados’”, haciendo que las acciones concebidas con fines culturales dieran lugar a “movimientos expansionistas de sus Estados de origen”.

Los festivales particularmente de folklore además actualizaron recurrentes representaciones sociales y gubernamentales evidenciadas en las distinciones entre “lo culto” y “lo popular”. El folklore, además de haberse

constituido a lo largo del siglo XX en una de las formas legítimas para inventar la “argentinidad”, estuvo fuertemente ligada, como sostiene Chamosa, “a los intereses económicos y políticos de las oligarquías provinciales” (2012:13). En este sentido, los Festivales se tornan relevantes porque a través de éstos se puede estudiar la inserción de Salta en la configuración social, espacial y política de la región del Noroeste Argentino y de la “integración Latinoamericana”, aspecto que también nos proponemos desarrollar.

Bibliografía

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

CHAMOSA, Oscar. 2012. Breve historia del folclore argentino. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. 2000. Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar.

SCHECHNER, Richard. Performance. Teoría y prácticas interculturales. Buenos Aires: Libros del Rojas. Universidad de Buenos Aires, 2000.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. “Notas (muito) breves sobre a Cooperação Técnica Internacional para o Desenvolvimento”. In: SILVA, Kelly Cristiane da, Daniel SHROETER SIMIÃO (Org.). Timor – Leste por trás do Paco. Cooperação Internacional e a dialética da formação do Estado. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p. 417- 425.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; CASTRO J.P. M.E. Política(s) Pública(s). In: PINHO, Osmundo & SANSONE, Livio (Eds.). (Org.). Raça: Perspectivas Antropológicas. Salva-do-BA, EDUFBA, 2008, v., p. 341-392.

WEBER, Max. Economía y sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, 2005.

*Laura Navallo és Becaria Posdoctoral, IC-SOH-Conicet- Universidad Nacional de Salta
Correo: lauranavallo@yahoo.com.ar

No dia 19 de dezembro de 2016, no SAGE/Laboratório de Sistemas Avançados de Gestão da Produção/Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil) deu-se a primeira reunião do Grupo de Trabalho CLACSO Políticas Públicas e Território. Estiveram presentes Camila Lima e Silva de Carvalho – nova integrante do GT, Carlos Henrique Carvalho Ferreira Jr., Fania Fridman – coordenadora do GT, Hermes Magalhães Tavares (todos da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil); Luciana Alem Gennari, Valter Luiz de Macedo (ambos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Brasil) e Sarah Feldman (Universidade de São Paulo/Brasil). Participaram, também, por videoconferência: Blanca Rebeca Ramirez Velazquez (Universidad Autónoma Metropolitana/México), Cleandro Krause (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Brasil), Maria Rosa Carbonari (Universidad Nacional de Río Cuarto/Argentina), Rogério Haesbaert (Universidade Federal Fluminense/Brasil) e Sonia Vidal (Instituto Multidisciplinario de Historia y Ciencias Humanas/Argentina).

Esteve em pauta a apresentação dos membros do Grupo de Trabalho; a formação e distribuição dos investigadores em eixos analíticos – que se definiram em três – para os quais foram escolhidos sub-coordenadores; ainda definiram-se a agenda de atividades e os calendários das próximas reuniões.

Na ocasião a coordenadora e pesquisadora proponente, professora Fania Fridman da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez a apresentação do Programa de Grupos de Trabajo. Procedimientos y orientaciones para el funcionamiento de los Grupos de Trabajo 2016-2019, do qual se destacam os seguintes pontos:

- Para o CLACSO, os GTs são redes interdisciplinares compostas por integrantes de diversos países que se reúnem, por um período de 3 (três) anos, em torno de um

tema ou problema social relevante para a América Latina e o Caribe. O objetivo principal dos GTs é o de favorecer as trocas e a pesquisa comparada articulando pesquisadores, agentes e formuladores de políticas públicas e membros de organizações sociais – ONGs, sindicatos, movimentos sociais – para a formação e consolidação das redes de pesquisa a nível regional e internacional e a construção de uma perspectiva latino-americana crítica acerca dos principais temas da agenda global e regional.

- Os GTs são redes de acesso aberto que devem incorporar novos integrantes, sobretudo da América Central, Caribe, Bolívia e Paraguai. O documento sugere também a criação de vínculos com as pós-graduações da Rede CLACSO, diálogos com outras redes e publicações de livre acesso em distintos meios. Quanto à Rede CLACSO de pós-graduações, os GTs podem propor seminários virtuais e cursos de extensão, apoiar programas de mestrado e doutorado com a mobilidade de professores e incorporar bolsistas CLACSO nas pesquisas.

- O Conselho incentiva publicações de livros na Colección de Grupos de Trabajo, artigos ou dossiês temáticos nas revistas Crítica y Emancipación e Investigación crítica, textos curtos para os Cuadernos del Pensamiento Crítico e Megafon. Ainda relacionado aos resultados parciais, a elaboração de materiais audiovisuais para a CLACSOTV.

- O documento afirma ainda que os GTs contarão com o apoio do CLACSO na busca por recursos para o financiamento das atividades das pesquisas (incluindo os Encontros) junto às universidades e organismos nacionais e internacionais.

Na seqüência, a Coordenadora informou que foram selecionados pelo CLACSO 110 GTs e esses agrupados em 31 Campos Temáticos. O GT Políticas Públicas e Territórios foi inserido no campo Direito à cidade

composto por 4 (quatro) Grupos, a saber: GT Desigualdades urbanas (coordenado por Manuel Dammert Guardia, Centro de Investigaciones Sociales, Económicas, Políticas y Antropológicas/Peru), GT Expoliación inmobiliaria y crítica contra hegemónica (coordenado por Floriano José Godinho de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Brasil), GT Indígenas y espacio urbano (coordenado por Jorge Enrique Horbath Corredor, El Colegio de la Frontera Sur/México) e o GT Políticas públicas y territorios. A esse respeito, o CLACSO espera um intercâmbio efetivo entre os GTs de cada Campo Temático. E no sentido de disseminação das atividades realizadas pelos GTs, o CLACSO orienta o encaminhamento de Relatórios assim como das propostas de realização de encontros, cursos e eventos com 30 (trinta) dias de antecedência para divulgação.

Os eixos analíticos e seus respectivos sub-coordenadores foram definidos assim:

Eixo 1 Competências, agentes e marcos legais (Cleandro Krasue; Carlos Henrique Ferreira)

Eixo 2 Dinâmica urbana, regionalizações e conformação de territórios (Sonia Vidal, Blanca Rebeca Ramirez Velazquez)

Eixo 3 Ação político-territorial dos movimentos sociais (cujos coordenadores ficou por escolher entre seus membros)

Por fim, estabeleceu-se que a cada seis meses serão realizadas videoconferências com os participantes, sendo a próxima em julho de 2017, ainda com data a definir e o primeiro encontro presencial com todos os mem-

bro entre outubro e novembro de 2017.

EVENTOS

Em abril de 2017, ocorreu o Congresso de Estudos Urbanos na Universidade de Quilmes – BA, Argentina. No qual, participaram com comunicados e trabalhos Cleandro Krause (Segregación residencial en perspectiva histórica y acción del poder público en Porto Alegre – RS/Brasil por 40 años); Camila Lima e Silva de Carvalho (Espacialización de las políticas urbanas en América Latina – Brasil y México) e Sonia Vidal (Mutaciones metropolitanas con enfoque en la pobreza urbana y en la cuestión de movilidad en los municipios de la metrópolis de Buenos Aires).

Em São Paulo, de 22 a 26 de maio de 2017, ocorrerá o XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional com o tema Desenvolvimento, crise e resistência: Quais os caminhos do Planejamento Urbano e Regional?

Em Salvador, de 20 a 23 de novembro de 2017, ocorrerá o XV Simpósio Nacional de Geografia Urbana SINPURB com o tema: Sobre a cidade e o urbano, contribuição da geografia: Que teorias para este século? para o qual está aberta a chamada de trabalhos. Inscrições e demais informações no endereço <https://simpurb2017.ufba.br/>

Esperamos divulgar o resultado das participações de membros e investigadore/as interessado/as nesses e em outros eventos até o próximo número do boletim.